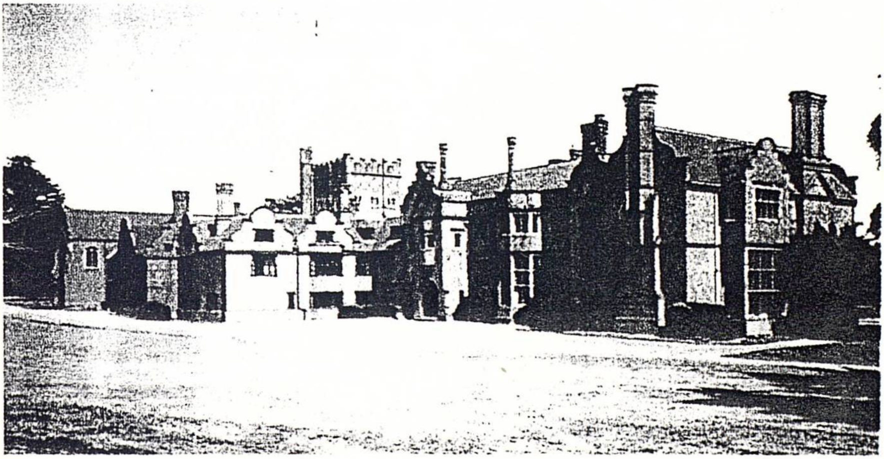
Lie TL 2093

O ENCONTRO DE LONDRES

entre os Líderes Timorenses

14-16 Dezembro 1993



THE LONDON MEETING

between Timorese Leaders

INTRODUÇÃO

Nos dias 14 a 16 de Dezembro de 1993, teve lugar no Hanbury Manor Hotel, nos arredores de Londres, o primeiro Encontro de Líderes Timorenses da Diáspora e de Líderes Timorenses trabalhando na Administração Indonésia.

As Delegações tiveram a seguinte composição:

Do Interior

Francisco Lopes da Cruz — Chefe da Delegação
Guilherme dos Santos — Liurai de Memo
Francisco Xavier do Amaral
Armindo Mariano
Francisco Ribeiro
Francisco Kalbuadi
José Piedade
Aurélia Araújo
Tarciso Amaral
Rui Gomes
Florentino Sarmento
Sebastiana Lopes da Cruz

Da Diáspora

Abílio Araújo — Chefe da Delegação
Pe. Francisco Fernandes (Macau)
José da Costa Belo (Lisboa)
Pe. Constâncio Gusmão (Porto)
António Araújo (Lisboa)
Rogério Lobato (Lisboa)
Manuel Tilman (Macau)
Jaime Ximenes (Macau)
Marcos Orleães (Austrália)
Rogério Araújo (Londres)

Aqui se juntam os principais documentos como os discursos proferidos e as fotografias tiradas na ocasião.

É demasiado cedo para tecer comentários sobre a substância das conversações, que esteve na génese desta iniciativa por nós lançada. Mas os discursos oficiais proferidos, quer na Abertura quer no Encerramento, testemunham já o novo espírito que passou a ser designado por "Espírito de Londres".

O Encontro de Londres inaugurou, entre os Líderes Timorenses, a via do diálogo, do entendimento e da reconciliação na busca de uma solução para a "Questão de Timor Leste" que satisfaça as aspirações do Povo de Timor e seja aceite pela Comunidade Internacional.

Importa frisar de novo que o Encontro de Líderes Timorenses, longe de enfraquecer o papel das Nações Unidas e as Conversações em curso entre os Governos de Portugal e da Indonésia, no âmbito da ONU, é um contributo sério para a tão propalada criação das medidas de confiança — Confidence building measures — entre "todas as partes interessadas".
Outrossim, o referido Encontro acaba de abrir perspectivas para a resolução das questões mais candentes e vitais que perturbam o dia-a-dia do Povo de Timor, como a sua sobrevivência física e o desenvolvimento sócio-económico e cultural, condições fundamentais para a sua afirmação como Povo com identidade própria — fundamento da sua Resistência ao longo dos séculos.

Pela sua importância e significado ficam também aqui documentadas a recepção oferecida por S. Exa. J.E. Habibie, Embaixador da República da Indonésia, em Londres, em honra das duas Delegações, assim como o Encontro entre o Chefe da Delegação de Líderes Timorenses da Diáspora e a Senhora Siti Hardiyanti Indra Rukmana (Tutut), líder destacada do Partido Golkar.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1994
Abílio Araújo

Londres — 17/12/93

Abílio Araújo acompanhado de Lopes da Cruz cumprimenta Madame Tutut

Discurso de Abertura
da sessão inaugural da reunião entre Líderes Timorenses, em Londres, nos dias 14 a 16 de Dezembro de 1993

Por Abílio Araújo

Maun alin, alin maun sira,

Protagonizamos, hoje, em conjunto, um empolgante momento histórico do nosso querido Timor.
Longos anos medeiam os tempos da nossa convivência numa terra já então dilacerada pelos tempos da incúria colonial.
Tempos longínquos marcaram o nosso sonho de meninice, da mocidade e da nossa juventude quando todos debaixo do mesmo céu anilado cantávamos, em uníssono:

> "Se hoje somos singelas crianças,
> Vamos ser o Futuro de Amanhã"
>
> "Neon nakukun sei oras né,
> Aban bainrua sei nakloke bele!
> Aman, Inan, Boun,
> Neon metin ba ami tomak mos!"

Viestes da nossa terra em resposta ao nosso convite para o diálogo.
Ultrapassastes todo o tipo de obstáculos para que o momento de hoje fosse algo memorável.
Soubestes avaliar correctamente a importância do nosso gesto de hoje, amortecendo as razões e os argumentos impeditivos como ressentimentos, reservas mentais, etc.
Diferentes caminhos, vós e nós viemos calcorreando na crença de estarmos conduzindo o nosso querido Povo para um porto seguro de Paz e de Bonança.
Não nos move outro móbil senão o desejo profundo e prioritário de buscar a preservação da Vida do nosso Povo nas suas compo-

nentes física e espiritual.

Nós que labutamos em terras de exílio e adopção onde, porventura, muitos de nós vivemos há mais anos do que na nossa terra natal, a custo podemos imaginar no que se transformou hoje o Timor que deixámos.

Além disso, acompanha-nos a angustiosa e nostálgica saudade dos familiares e amigos que, em Timor, continuam à nossa espera e insistentemente nos lembram que precisamos de enterrar condignamente os nossos mortos, condição para pensarmos efectivamente na realização dos festejos do "kore metan", adiados indefinidamente porque cada ano tem vindo a ser uma eternidade.

Saudamos a vossa coragem e a de quem não obstaculizou este nosso encontro.

Não foi fácil termos chegado aqui.

Mas as ideias, os projectos são como as sementes do "fini" que buscam boa terra e estação própria para germinarem.

A boa terra somos nós e vós, os verdadeiros filhos de Timor, fiéis depositários da nossa herança cultural, filhos da nobre estirpe dos "aaswain" valentes e guerreiros cujos "haklalak" dos tempos imemoriais da luta anti-colonialista não cairam no olvido, e que, nas horas das trevas ameaçadoras do cataclismo tantas vezes ocorridas no nosso passado não remoto, como em Cailaco, em 1729, em Cová e Cotubaba, e em Manufahi, em 1912, souberam embainhar os "surik" e buscar a Paz para os seus Povos.

Dir-se-ia se o tempo é próprio para fazer germinar o nosso "fini", ou, se valeria a pena somente lançá-lo à terra noutra oportunidade!

Não questionamos a legitimidade desta preocupação mas tão-só a boa-fé dos seus autores que se contam entre alguns naturais de Timor e outros, estrangeiros de várias origens, porque se não cansaram de semear e fomentar a discórdia não só entre nós, no Exterior, como entre nós e vós, tendo chegado mesmo a tomar atitudes que desmentiram a nobreza do verdadeiro reencontro que dizem admitir "lá para as calendas..."

Longe de querermos impôr mutuamente as nossas ideias e convicções, busquemos hoje nesta capital europeia fria e gélida, o calor da nossa ancestralidade, pelo Diálogo e busca de Consensos nos domínios da Convergência possível.

Maun alin, alin maun sira,

É com grande alegria e emoção que vos saudamos nesta ocasião do nosso reencontro de irmãos.
Saudamos com um destaque especial o "Nai" "katuas" Embaixador "Manu Ain" Lopes da Cruz. A sua prontidão e abertura demonstradas desde a primeira hora em relação às nossas propostas de Reunião e Encontro impressionaram-nos de um modo extraordinário. O seu alto sentido de responsabilidade e amor a Timor tornaram-se evidentes na forma como soube aplanar os caminhos e remover os obstáculos até à realização deste Encontro.
Só quem não é por Timor, não quer ver os Timorenses buscarem os caminhos do Diálogo e da Concórdia.
A partir de hoje a primeira pedra da nossa casa Grande está lançada; pouco a pouco vamos construí-la sobre os alicerces da Justiça, do Desenvolvimento Social, Económico e Cultural, e, do respeito e dignificação do Homem Timorense.
Caberá a nós todos, Timorenses, promover e zelar para que a Justiça reine na nossa Terra e para que não haja timorenses de 1ª ou de 2ª!
Desde já deverão ser criadas condições para que todos os timorenses possam livremente participar no Desenvolvimento do Território, contribuindo paulatinamente para o necessário apaziguamento da sociedade timorense. Só assim, Timor não perderá uma vez mais a grande oportunidade histórica que é a sua participação no surto de crescimento e desenvolvimento económicos da zona geográfica em que nos inserimos.
Concomitantemente com o desenvolvimento social do Território, dever-se-á proceder ao esforço de preservar, divulgar e desenvolver a identidade histórico-cultural do Povo Timorense, e a permitir a participação plena das forças vivas da sociedade timorense neste processo de afirmação da nossa identidade secular e milenária.

Para terminar, queríamos parafrasear a escritora chilena Isabel Allende de que é necessário perdoar mas não devemos esquecer o passado, para podermos compreender o presente e construir o futuro.

Pedimo-vos a todos, por isso, que nos acompanhem no balbuciar deste "hamulak" (prece) aos nossos avós, pais e irmãos que habitam os píncaros do Tatamailau e Matebian para que nos abençoem e protejam nesta caminhada difícil por entre desfiladeiros e escarpas rochosas de todos os perigos.

Já temperados e reconfortados, vamos prosseguir a nossa marcha rumo ao futuro com coragem, esperança e perseverança.

À Juventude de Timor, fazemos votos e apelamos para que busque no trabalho e no estudo a sua valorização técnico-científica e profissional a fim de ser o garante da continuação do projecto cujas sementes foram por nós lançadas, neste momento histórico particularmente difícil, materializando uma vez mais o compromisso de gerações com vista a garantir a sobrevivência física e cultural do nosso Povo.

Obrigado.

Londres, 15 de Dezembro de 1993

Discurso durante a sessão inaugural da reunião fraternal, entre Líderes Timorenses da Indonésia e da Diáspora

Por F.X. Lopes da Cruz

Irmãos Timorenses,
HORI ULUK, HORI WAIN, OAN TIMUR AASWAIN!

Oriundos da mesma terra onde "*o sol logo em nascendo vê primeiro*", terra do "*sândalo salutífero e cheiroso*", eis-nos aqui, debaixo do mesmo sol e cobertos pelo mesmo perfume, o sol da verdade e o perfume da amizade.

Deus sempre cobriu com a luz da Sua verdade e o perfume da Sua amizade a Terra de Santa Cruz, Timor Lorosae. Ele mesmo nos reune neste momento. Agradecemos tão grande amor, tão grande protecção proveniente do Céu.

A iniciativa do Senhor Dr. Abílio Araújo não pode ficar sem agradecimento, porque ele, com a coragem e a valentia diante de obstáculos de todo o género e manifestando a sua têmpera de um verdadeiro timorense, conseguiu trazer-nos de Timor Lorosae para estarmos presentes hoje neste histórico encontro. Na verdade, utilizando a tecnologia que a ciência hoje nos oferece, tudo se foi preparando, quer em conversas telefónicas, quer através de cartas e fax, mas foi sobretudo no encontro de Badajoz, nos princípios de Outubro do corrente ano, com o próprio Dr. Abílio Araújo, quando tudo se concretizou. É verdade: que "*Deus quer, o homem sonha e a obra nasce*".

Bem haja, Senhor Dr. Abílio Araújo, por esta sua feliz iniciativa! Agradeço ainda as suas palavras acabadas de pronunciar, palavras essas que nos fazem pensar e sonhar num mundo novo, num Timor melhor, onde poderemos viver juntos em paz e unidade para sempre. "*Juntos para sonhar novas imensidades! Juntos para marcar ritmos do novo amor*"! Como o poeta, também tenho fé e esperança de que "*com paz e com calma, sem revolta desmedida, a vida possui a alma e a alma possui a vida*"! A mesma fé e a mesma esperança em bons irmãos que nos animaram a aceitar o vosso convite para este encontro, porque continuamos a acreditar que "*tudo vale a pena quando a alma não é pequena*"!

Irmãos Timorenses,
Antes de dirigir-vos algumas palavras a propósito deste nosso encontro, quero dizer-vos que os membros da comitiva proveniente da Indonésia foram os vossos antigos alunos ou colegas dos bancos de escola, na Primária ou no Liceu ou até no Seminário de Dare, outrora pés descalços mas no encalço da ciência, hoje homens maduros procurando um horizonte mais aberto e mais risonho para os Homens e as Mulheres de Amanhã.

Irmãos Timorenses,
Não tenho em vista defender uma tese, contudo quero pôr bem a claro o "*status quaestionis*" deste nosso encontro, para não fugirmos do seu objectivo principal no decorrer do nosso diálogo, e assim podermos sair deste encontro com uma conclusão prática que seja útil para os nossos futuros contactos, porque certamente que nenhum de nós pretende que este nosso encontro seja o primeiro e o último; temos ainda um longo caminho a percorrer...

Eis o que pretendo dizer-vos:

Neste nosso encontro fraternal, encontramo-nos como irmãos da Grande Família Timorense, há tanto tempo separados. Estamos aqui hoje reunidos, sem intuito de subirmos ao palco político de Timor Lorosae, como sinal de contradição, porque sabemos perfeitamente que se há muita gente que apoia este encontro há também alguns que ainda estão contra nós. No entanto, não queremos confrontações com ninguém e muito menos criar polémicas sobre o estatuto político de Timor. A política, muitas vezes, só se serve do Povo mas não serve o Povo.

Nós entendemos que o objectivo principal do nosso encontro é criar um clima de verdadeira e mútua confiança a fim de enterrar de uma vez para sempre ressentimentos, reservas mentais e incompreensões entre irmãos oriundos da mesma terra e do mesmo sangue de origem, porque "*ITA NEE LA SELUK LA*

LET IDA! MESAK FETON NIAN DEIT NAAN NIAN DEIT!"
Na verdade, este encontro, ocorrido na quadra festiva do Natal, o Advento que estamos a celebrar, convida-nos a abater montanhas, aplanar vales e endireitar caminhos tortuosos para que em terreno plano possamos aceitar-nos mutuamente.

Não há dúvida de que só numa atmosfera de compreensão como esta que hoje nos une longe do Torrão Natal, podemos consolidar meios para nos encontrarmos mais vezes, para nos visitarmos mutuamente para trocarmos planos concretos sobre o modo de reavivarmos e enriquecermos os nossos usos e costumes, para trabalharmos juntos no campo sócio-cultural e económico.

Irmãos Timorenses,

Esta primeiríssima oportunidade de nos olharmos olhos nos olhos e sentirmos corações com corações, não pode ser desperdiçada porque só ela pode representar para o nosso Povo a nossa corajosa maneira de sabermos colocar a própria felicidade deste mesmo Povo acima de tudo o que poderiamos desejar para cada um de nós.

O Povo Timorense na sua longa caminhada existencial transmitiu ensinamentos e virtudes, comportamentos e pensamentos que devem regular hoje as nossas mentes para o servir e honrar, ignorando os fazedores de Calendas Gregas e imitadores de Ícaro que julgam ser possível competir em voos seguros com asas de cera, esquecendo que o sol derrete a cera.

Todavia, na linguagem em que os nossos corações se reencontram moldados pela generosa intenção de sermos dignos das nossas próprias origens para criar um mundo melhor para as nossas crianças e respeitar nos velhos as cristalizadas lágrimas que ainda guardam como batimentos dos nossos corações, meditemos sobre a hipótese de a calda flamejante do ferro derretido, disforme e liquefeito, se tornar em belas espadas de aço admiradas por todos, porque são espadas da Honra e da Justiça, da Amizade e da Irmandade.

Isso só acontece quando a calda arrefece e nunca enquanto ela está quente e incontrolável.

Há que buscarmos na nossa maneira de filosofar o aço da nossa irmandade voltada para a Honra do nosso Povo e para a Justiça de cumprirmos o nosso dever e de sermos homens de bem, mesmo que o vento seja forte ou a chuva pesada.

Não podemos falhar nas nossas boas intenções de fazer algo de positivo por Timor porque todos os nossos irmãos em Timor Lorosae anseiam que nos entendamos e sejamos capazes de separar o trigo do joio.

Se, ao contrário, não formos capazes de trazer soluções de esperança realista para o presente e para o futuro, estamos a prestar pouca atenção ao bem estar do nosso Povo.

Esta é a nossa responsabilidade sem meias palavras e sem meios objectivos, porque há 18 anos que nos separamos por não sabermos equacionar os grandes momentos da nossa própria dignidade aviltada por acção e actuação de quem queria servir-se do nosso Povo mas não o serve.

Estão abertas as portas da nossa reunião familiar.

Só nós podemos ser os porteiros, pedindo ao nosso Povo que venha celebrar o reencontro e, isso, é já uma grande alegria!

Assim, com a franqueza com que nos convidais, da mesma forma queremos falar-vos sobre Timor Lorosae sem rodeios. Acreditamos sinceramente no vosso coração que ama Timor Lorosae e o nosso Povo; todavia continuando vós, a basear-vos apenas em notícias e relatos desencontrados, os vossos juízos de valor serão afectados por erros de análise e os vossos sonhos ficarão desfeitos. É por isso que nós vamos dar-vos informações precisas para que vós, que estais fora, possais apreciar a verdade na sua globalidade, sem deturpações e assim podereis estar firmes no vosso franco desejo de dar também o vosso contributo para o bem-estar e prosperidade do Povo.

Por isso, não pretendo pontificar todo o diálogo, mas peço aos meus colegas provenientes de Timor Lorosae para que dialoguem também convosco.

Muito obrigado pela vossa atenção.

Londres, 15 de Dezembro de 1993

Discurso de Encerramento da reunião fraternal entre Líderes Timorenses da Indonésia e da Diáspora

Por F.X. Lopes da Cruz

Irmãos Timorenses,
HORI ULUK, HORI WAIN, OAN TIMUR AASWAIN!

A história do Povo de Timor Lorosae acaba de registar hoje nos seus anais um evento inesquecível, porque os seus filhos que verdadeiramente o amam, deixando para trás "*anos de ressentimentos, reservas mentais e incompreensões*", etc., souberam encontrar-se em clima de compreensão e amizade para falar sobre o objectivo das suas preocupações: O bem-estar e a prosperidade do Povo heróico de Timor Lorosae.
Ditosa Terra de Santa Cruz que tais filhos tem!
Por isso mesmo, agradeço a Deus, porque o Seu amor que inunda o coração dos Timorenses é mais forte que o ódio; e agradeço a todos aqueles que, sem pretensões de ordem política participaram activamente neste encontro através da sua coragem em estar presentes, das suas ponderadas ideias e, sobretudo, através da sua amizade fraternal.
Durante este nosso encontro procurámos pôr a claro as nossas aspirações e os nossos desejos, trazidos de Timor Lorosae e das outras partes do mundo. Seguimos atentamente tudo aquilo que cada um de vós teve a oportunidade de nos comunicar, particularmente as calorosas palavras do Sr. Dr. Abílio Araújo que, não só como bom timorense, mas também como amante da Verdade, da Justiça, da Paz, da Unidade e da Felicidade de todo o Povo Timorense, soube dar o verdadeiro valor e o verdadeiro sentido a este nosso encontro, com o seu passo na rota firme de unir Todos para bem de Todos.
Tomamos nota daquilo que sintoniza com as nossas opiniões e muito nos alegramos com este encontro de ideias. Não faltaram também modos de ver diferentes dos nossos; não os rejeitamos,

porque servirão para confrontar com aquilo que apresentámos ou para ponderarmos e reflectirmos sobre eles. Além disso, numa reunião de irmãos, a trave mestra do nosso pensar é procurar o bem da nossa Terra e do nosso Povo. Na verdade, Timor Lorosae saído do obscurantismo e "*dilacerado pelos tempos da incúria colonial*" como disse Dr. Abílio Araújo, outra coisa não espera de nós. "*Cesse tudo o que a musa antiga canta, porque outro valor mais alto se alevanta*", já dizia o grande poeta Luís de Camões, e esse valor mais alto só pode ser a felicidade e a alegria da nossa Terra na Elegia do nosso amado Povo.

Agradeço a cooperação de todos aqueles que souberam criar um ambiente de mútua consulta e amizade para que este nosso encontro possa decorrer num clima de fraternidade e confiança, contrariando o prognóstico dos cépticos, dos pessimistas e dos vencidos antes da luta porque "*dos fracos não reza a história*".

Não posso esquecer os nossos entes queridos, quais "*heróis desconhecidos*" tombados de parte a parte. Hoje, a sua perda faz-nos esquecer desavenças para, em diálogo franco e de mãos dadas, ajudar Timor Lorosae a ser cada vez melhor, próspero, feliz e auto-confiante.

A terminar, porque estamos nas proximidades de Natal e do Ano Novo, apresento a todos as nossas calorosas saudações de Boas Festas do Natal e Feliz Ano Novo de 1994, fazendo votos para que o Menino Deus traga aos nossos corações e ao coração do nosso Povo e da nossa Gente, a Sua Paz que nos faz viver como homens por Ele amados."*A Paz das almas em paz! A paz que o mundo não compreende nem pode dar!*" Que o Deus Menino nos dê a coragem de nos encontrarmos sempre e em ambiente de abertura cada vez maior.

Desejo a todos uma óptima viagem de regresso e que o encontro amigo que acabamos de realizar, qual perfume de sândalo, encha o nosso coração e a nossa vida e assim tenhamos a saudade de nos encontrarmos mais vezes, não já em terras distantes e alheias, mas na nossa própria Terra, Timor Lorosae, para saborearmos juntos o "*ikan saboko*" com "*tua mutin*", o "*koerambo*" ou "*nu ben*", o "*tukir*" ou o "*daulorok*", na fresca palhota ou sob o céu azul sem poluição, ouvindo a doce melodia dum violino ou a música do "*kore-metan*", ou o coro do "*dahur*" ressoando pelo silêncio da noite tropical, ou mesmo extasiar os olhos nas longínquas estrelas onde moram e nos contemplam para sempre aqueles de onde provimos e que nos fazem derramar os olhos sobre a nossa responsabilidade de os honrar como vivos com coragem.

Aos Amigos e Irmãos participantes deste encontro deixo uma mensagem de amizade e um convite para todos os Timorenses da Diáspora: na nossa cultura, o melhor agradecimento não se expressa com palavras nem tão pouco com a troca de objectos; mas o "*luhu mamuk*" cheio de "*ai-funan*" é sinal certo de retribuição plena de amizade. Por isso, a todos esperamos em Timor Lorosae, sempre e quando quiserem. BA NUU BEE, KLEDIK HUN NEE! KLADEDIK HUN NEE, TALI HUN NEE!

Bem hajam Irmãos Timorenses! O nosso encontro não acaba aqui, porque a "saudade, gosto amargo de infelizes", como diz Almeida Garret, continuará a lacerar o nosso coração, para que, mesmo ausentes de Timor Lorosae, continuemos a estar presentes não só na saudade, mas também na valorização pessoal e na prece!

Boa sorte e muitas felicidades! Até breve!

HORI ULUK, HORI WAIN, OAN TIMUR AASWAIN!

Londres, 16 de Dezembro de 1993

Discurso de Encerramento

Por Abílio Araújo

Na'i Embaixador Francisco Lopes da Cruz
Na'i Liurai Memo, Deputado Assembleia Nacional
Maun alin, alin maun sira

Liafuan sira neebé Embaixador Lopes da Cruz fo sai daudaun atu ita remata hasôru malu ida nee, mônu duni iha ami nia fuan-laran hanesan loke esperansa ba loron sira neebé atu mai. Ami hotu, uluk liu, hakarak agradese apoio, amizade, comprensaun (tulun, domin, laran luak) neebé imi hatudu mai ami iha loron hirak neebé ita hela iha nee, serbisu iha nee.
Iha loron hirak nee, ita hotu hatudu katak buat neebé bele fahe ita kiik duni, tan buat neebé halibur ita makaas liu, bot liu, uaihira ita tomak hakarak de'it di'ak ba ita rain, di'ak ba ita povo, "Povo heróico" nuudár dehan Embaixador Lopes da Cruz.
Ha'u brani dehan katak, hahú ba ohin, ita sai ona hôsi dalan klot hodi hahú tama ba dalan luan.
Ita lalika hasôru malu hodi subar, lalika koalia hôsi arame kà Fax de'it, maibé bele hasôru malu hodi kaer liman ba malu, hodi fo hatene ba malu sá maka ita hanoin, ita hakarak.
Nee duni, ha'u hakarak hateten katak ami sai hôsi hasôru malu nee ho aten brani, hodi tuba rai metin nafatin, tan hatene ona katak imi iha ita rain mos fiar katak ami mos bele halo buat ruma, ita tomak hamutuk bele foti, bele harí ita rain.
Iha loron hirak nee, ha'u fiar metin katak ita nia matebian sira hateke, rona tuir lia neebé ita koalia.
Nee duni, ha'u hakarak dehan de'it katak uaihira ita husik rai Londres, Reinu Inglaterra, ita bele ba ho laran metin tan ita hakat ona ba oin, sei la hakiduk fali, hakat ba oin hodi hadi'a-ân atu hakat ba nafatin.
Ita hotu sei kaer liman ba malu nafatin.
Ami haksolok uaihira rona rasik hôsi Embaixador Lopes da Cruz katak, iha tinan 1994, ita sei hasôru hikas malu. Nee mos ami nia hakarak.

Dala ida eh dala rua, dala barak di'ak liu tan.
Ami haksolok mos uaihira ita bot dehan katak ita bele hasôru malu iha besik ita rain.
Ita hahú hakat, liu-liu ba ami, hakbesik daudaun ita rain, ba ita nia zona, hodi halo ami laran metin liu tan.
Dok karik ba, dala barak ami hanoin ho laran dodok, tanba husar talin sei la kotu.
Uaihira imi lolo liman mai ami eh ami sé liman ba imi, nee hatudu katak Rai Inan la haluha tebes oan sira namkari iha rai klaran.
Hanesan dala barak ami hateten, di'ak bele di'ak, han bele di'ak, hemu bele di'ak, bele toba di'ak, maibé ami han la hakmatek, tur la hakmatek, la toba hakmatek. Dala barak, rona manu kokorek, ami hadér hodi hanoin ami rain, ita tomak nia rain.
Tan nee, ami hakarak hateten katak ami prontu atu halo buat neebé imi husu atu halo, tan ohin ami fiar katak buat nee hotu, ikus mai, sei tuir dalan ida de'it — serbí ita rain, buka di'ak ba ita emar.

Na'i Embaixador Lopes da Cruz,
Ha'u husu, hodi ami nia delegasaun nia naran, atu hatoo ba Na'i Ministro Ali Alatas atu hasa'e ba Na'i Presidente Suharto ami nia admirasaun tanba Na'i Ulun Indonesia sira loke laran ba ita, hatudu katak hakarak atu tulun timor oan sira hodi fo leet ida atu ita bele hamutuk hodi loke dalan, hamós duut eh aitarak atu ita bele, neineik, la'o ba mai.
Ami iha li'ur, sei tuir serbisu hodi hamós aitarak neebé sei iha atu LIA NEE bele hotu lailais hodi ita bele hakaas-ân atu foti, atu haburas ita rain.
Ita hanesan povo asiatik, sei hanoin katak ita iha responsabilidade duni. Ami hela iha Europa duni, maibé ami hala'o nafatin hanesan povo asiatik neebé tama mos iha zona pasifik nian. Ita maka sei fo liman ba malu. Ami sei hakaas-ân atu hakotu lailais buat neebé sei hakanek ita, hodi hanoin de'it haburas ita rain.
Ha'u hakarak hatoo liafuan ruma ba na'i feton Abati no Aurélia atu hodi ba inan doben, bin no alin sira tomak iha Timor katak ami sei la haluha sira.
Ami hamatan ba sira hanesan ita nia Povo nia moris naruk no

abut. Iha li'ur, ami sei hanorin ami oan sira hanoin hodi fo neon nafatin ba ita rain.

Lembransa (soin) neebé imi fo, ami sei lori. Ami la iha buat ida atu imi lori ba ita rain, ami bele fo de'it ami nia laran di'ak, ami nia aten brani, ami nia domin. Ba inan feton tomak, iha ita rain, ami hakotu katak ami sei halo buat hotu atu sira nia matabén bele maran lailais, sira nia terus mos bele remata.

Ba fetorá oan no mane klosan sira, ami hakotu mos katak ami sei buka nafatin serbisu ba ita rain atu sira bele hetan moris di'ak iha loron neebé sei mai.

Londres, 16 Fulan Desembro 1993

Discurso de Encerramento

(Tradução do discurso de encerramento feito em tétum por Abílio Araújo)

Senhor Embaixador Francisco Lopes da Cruz
Senhor Deputado da Assembleia Nacional — Liurai de Memo
Queridos Irmãos

As palavras proferidas pelo Sr. Embaixador Lopes da Cruz, no encerramento deste nosso Encontro, calaram bem fundo nos nossos corações, onde brilha uma nova chama de esperança para o futuro.

Antes de mais, queremos agradecer todo o apoio, amizade e compreensão por vós demonstradas durante estes dias de convívio e trabalho.

Este nosso Encontro permitiu-nos confirmar que o que nos divide é bem pouco e insignificante comparado com o que nos une. Afinal, todos nós queremos o melhor para a nossa Terra e aspiramos ao bem-estar do nosso Povo, "o Povo heróico" como disse o Sr. Embaixador Lopes da Cruz.

Atrevo-me a dizer que deixámos hoje os caminhos sinuosos para entrarmos numa nova via onde os nossos Encontros serão abertos, os nossos contactos não serão apenas por telefone ou por Fax, mas estaremos frente a frente para estreitarmos as mãos e aprofundarmos a convergência dos nossos pensamentos.

Assim, quero afirmar que saímos deste Encontro com mais coragem, mais determinação, com a certeza de que podemos desenvolver acções concretas em prol do nosso povo e que, todos juntos seremos capazes de construir e erguer a nossa Terra.

Estou certo que nestes dias os espíritos dos nossos antepassados estiveram sempre presentes a acompanhar todo o nosso Encontro.

Quero dizer que, ao deixar Londres, vamos convictos de que, uma vez dado este passo, não recuaremos mais e este será apenas o início de um caminho promissor.

Alegra-nos ouvir da boca do Sr. Embaixador Lopes da Cruz que haverá novos Encontros em 1994, o que vem ao encontro dos nossos desejos. Um ou dois, ou mesmo mais. Alegra-nos também saber que alguns serão na nossa zona, o que nos incute maior confiança.

Embora distantes da terra-natal, permanecemos ligados às raízes. Ao estendermos mutuamente as nossas mãos, sentimos que a Pátria, a terra-mãe não esqueceu os filhos espalhados pelo mundo. Como sempre disse, não nos tranquiliza o bem-estar e as comodidades que a vida no exterior nos possa proporcionar. Até o cantar do galo aumenta a nossa saudade e nos recorda a nossa terra, a terra de todos nós. Eis a razão porque afirmamos estar prontos para tudo fazer para servir a nossa terra, o nosso Povo.

Senhor Embaixador Lopes da Cruz,

Peço em nome da nossa Delegação que transmita ao Senhor Ministro Ali Alatas e faça chegar ao Senhor Presidente Suharto a nossa admiração. O facto de as autoridades indonésias nos terem facilitado o caminho, revela a vontade de ajudar os timorenses a encontrarem-se.

Esta é uma oportunidade para juntos abrirmos um novo caminho e ultrapassar dificuldades que até hoje impediram o livre encontro entre nós.

No exterior, vamos trabalhar para remover obstáculos existentes, apressando assim a "Resolução da Questão" para depois concentrarmos energias unicamente no desenvolvimento da nossa terra.

Como povo asiático qüe somos, devemos estar conscientes das nossas responsabilidades. Vivendo na Europa, continuamos a assumir a nossa identidade como povo asiático, povo inserido na zona do Pacífico. Cabe-nos o dever de dar as mãos e, no exterior, tudo faremos para acabar com o que ainda nos perturba, para todos pensarmos só no desenvolvimento da nossa terra.

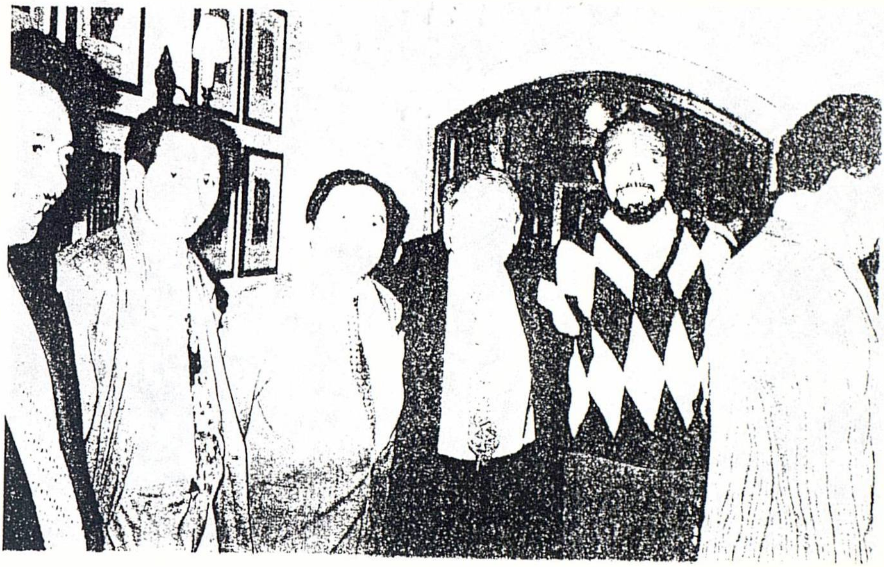
Quero dizer algumas palavras às nossas irmãs Abati e Aurélia para transmitirem às nossas queridas mães e irmãs em Timor que nunca as esqueceremos e que nelas encontramos o garante da continuidade do nosso Povo. Faremos todos os esforços para educarmos os nossos filhos com o pensamento na nossa Terra.

Levamos as lembranças que nos destes. Da nossa parte só tendes a nossa determinação, a nossa amizade e o nosso amor, já que nada podeis levar em retribuição.

A todas as mães e irmãs da nossa terra garantimos que estamos prontos a tudo fazer para que depressa se enxuguem as suas lágrimas e acabe a sua dor.

A todos os jovens queremos reafirmar a nossa determinação de continuar a trabalhar pela nossa Terra para que possam ter um futuro melhor.

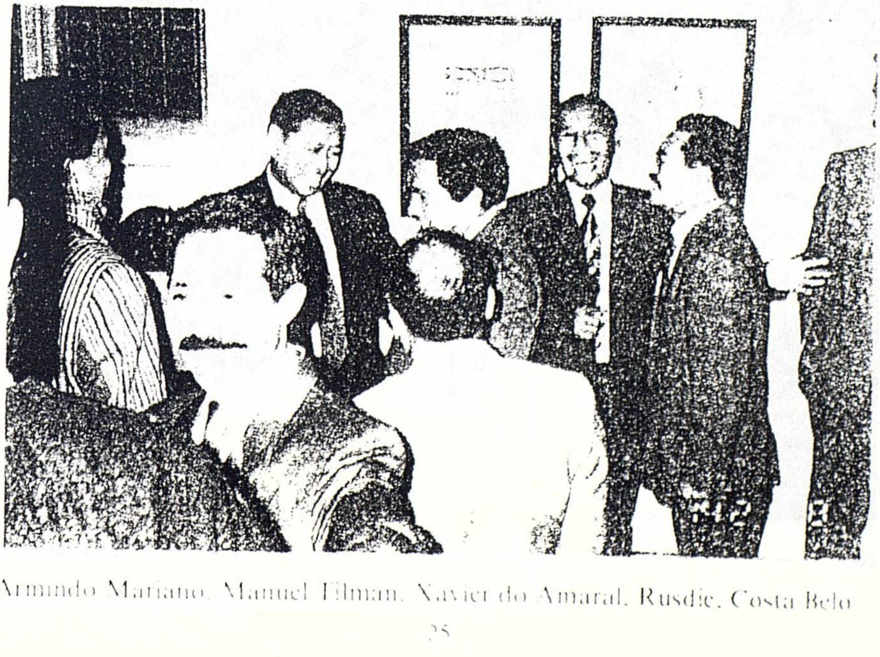
Londres, 16 de Dezembro de 1993



Dia 14 12 93

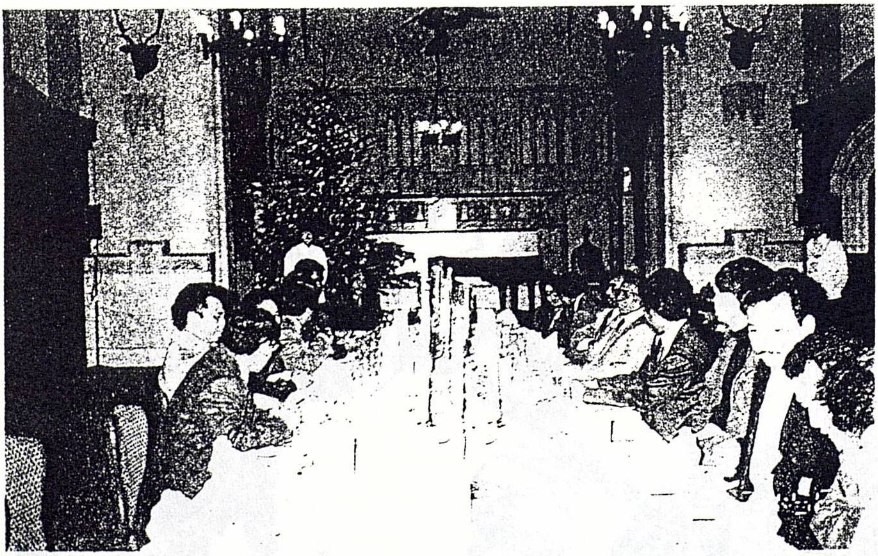
CHEGADA AO HANBURY MANOR HOTEL

Da esquerda para a direita: Francisco Kalbuadi, Rogério Araújo, Abílio Araújo, J.E. Habibie, Lopes da Cruz

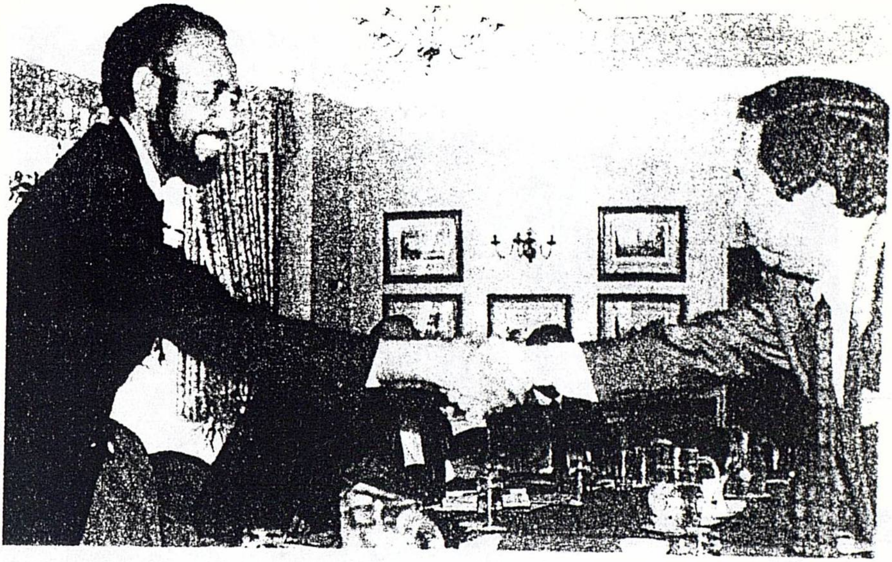


Armindo Mariano, Manuel Tilman, Xavier do Amaral, Rusdie, Costa Belo

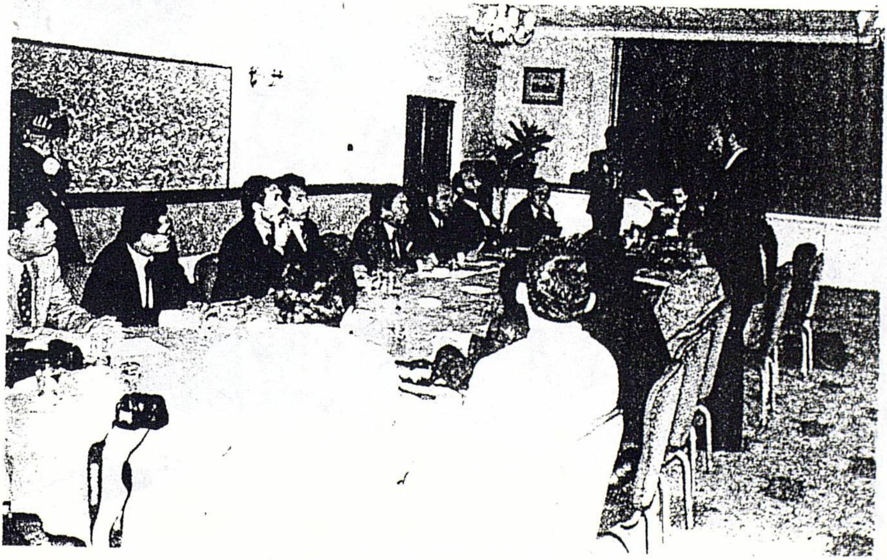
Abilio Araújo e Xavier do Amaral



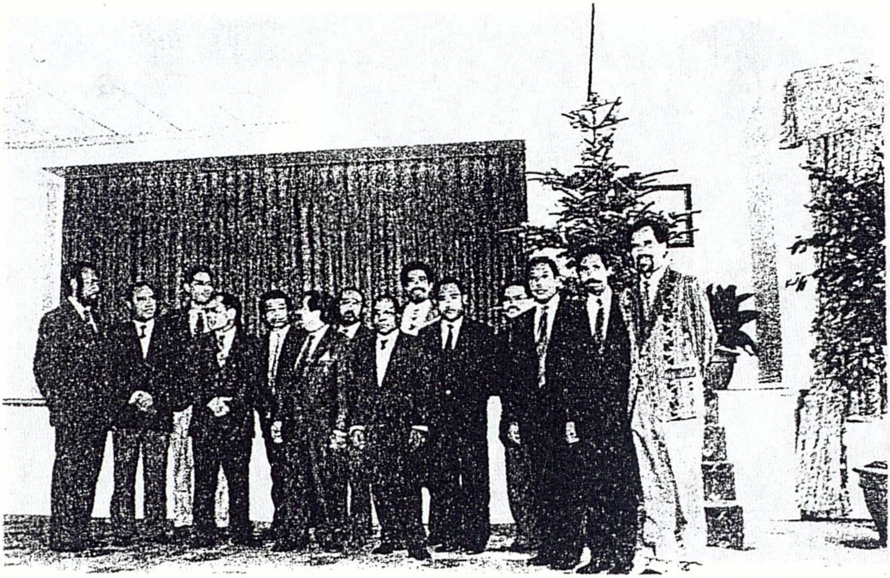
Os participantes do Encontro de Londres no Jantar oferecido por Lopes da Cruz, em 14.12.93



Início da Reunião em 15/12/93

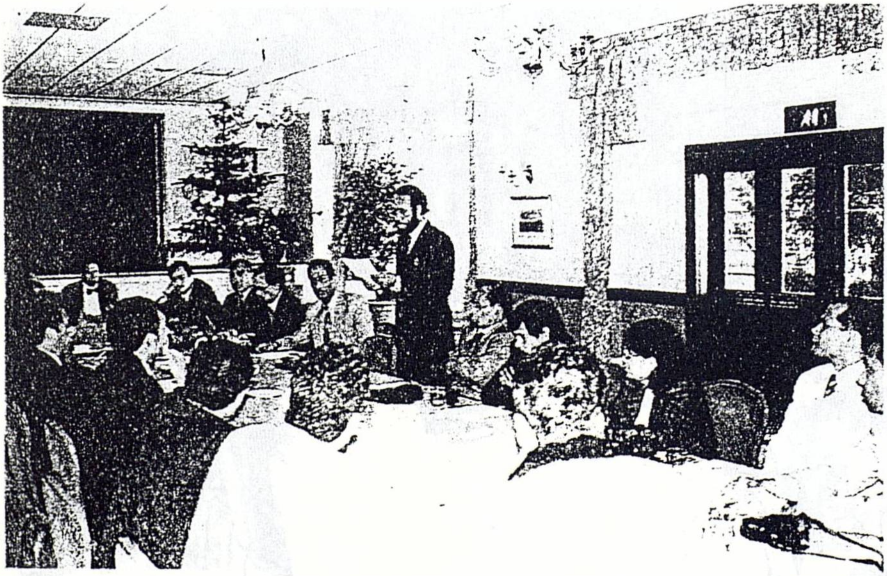


Lopes da Cruz proferindo o seu Discurso de Abertura



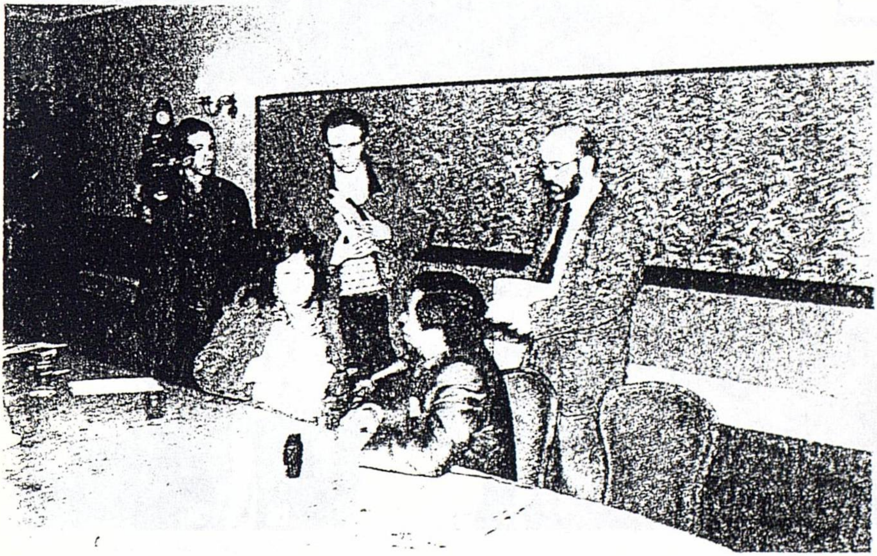
Dia — 16/12/93

Foto de grupo dos antigos Alunos do Seminário de N.S. de Fátima, de Dare, Dili

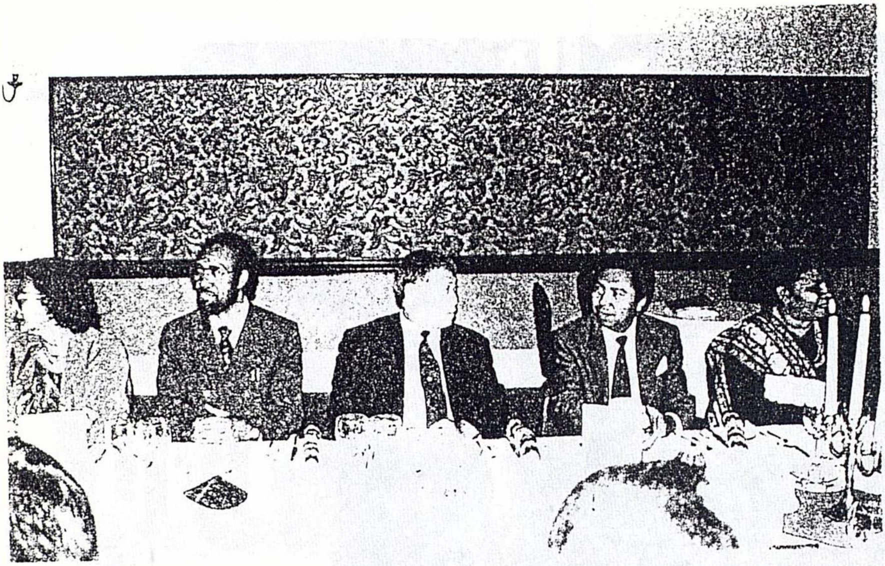


Lopes da Cruz proferindo o Discurso de Encerramento

Lopes da Cruz acompanhado pelo Liurai de Memo falando a jornalistas portugueses



Abílio Araújo falando aos jornalistas no final do Encontro: Jill Jollife, José Manuel (Rádio Comercial), Rui Araújo (RTP), Gilberto Ferraz (BBC), Manuel Acácio (TSF)



Recepção oferecida por S.E. Sr. Embaixador J.F. Habibie aos participantes do Encontro.
À esquerda: Srª Habibie; À direita: Srª Lopes da Cruz

Foto de grupo durante a Recepção.
Ao centro: S.E. o Sr. Embaixador J.F. Habibie e Srª Habibie, e Sr. Arizal Efendi

Aspecto do Convívio.
Abílio Araújo acompanha ao piano uma interpretação musical do casal Lopes da Cruz

Lopes da Cruz, Pe. Francisco Fernandes e Xavier do Amaral

Na despedida, uma foto de grupo com alguns dos participantes

INTRODUCTION

The first Meeting of Timorese Leaders of the Diaspora and of Timorese Leaders working in the Indonesian Administration, was held at Hanbury Manor Hotel, on the outskirts of London, on December 14-16, 1993.

The Delegations were made up as follows:

From Timor

Francisco Lopes da Cruz — Head of Delegation
Guilherme dos Santos — Liurai de Memo
Francisco Xavier do Amaral
Armindo Mariano
Francisco Ribeiro
Francisco Kalbuadi
José Piedade
Aurélia Araújo
Tarciso Amaral
Rui Gomes
Florentino Sarmento
Sebastiana Lopes da Cruz

From the Diaspora

Abílio Araújo — Head of Delegation
Father Francisco Fernandes (Macau)
José da Costa Belo (Lisbon)
Father Constâncio Gusmão (Oporto)
António Araújo (Lisbon)
Rogério Lobato (Lisbon)
Manuel Tilman (Macau)
Jaime Ximenes (Macau)
Marcos Orleães (Australia)
Rogério Araújo (London)

The main documents, such as speeches and photos taken on that occasion are attached hereto.

It is too early to comment about the substance of the London talks which was the basic purpose of the initiative, launched by us. But the official speeches proffered, both at the Opening and Closing, already bear witness to the new spirit that has become known as the "Spirit of London".

The London Meeting inaugurated, between Timorese Leaders, via dialogue, understanding and reconciliation in the search of a solution for the "East Timor Question" that satisfies the People of Timor's aspirations and is accepted by the Internacional Community.

It's important to reiterate that the Meeting of Timorese leaders, far from weakening the role of the United Nations and the Talks in progress between the Portuguese and Indonesian Governments, within the sphere of the UN, is a serious contribution to the much-heralded creation of Confidence Building Measures between "all the interested parties".

Thus, the said Meeting has opened up prospects for the resolution of the most burning and vital issues that disturb the day-to--day living of the Timorese People, such as physical survival and socio-economic and cultural development, basic conditions for their affirmation as a People with their own identity — the basis of their Resistance over the centuries.

Due to their importance and significance, the reception offered by H.E. J.E. Habibie, The Ambassador of the Republic of Indonesia, in London in honor of the two Delegations, is documented, as well as the Meeting between the Head of the Timorese Leaders of the Diaspora Delegation and Madame Siti Hardiyanti Indra Rukmana (Tutut), leader of the Golkar Party.

Lisbon, January 18, 1994
Abílio Araújo

Opening Speech
for inaugural session of meeting between Timorese Leaders in London on December 14-16 1993

By Abílio Araújo

Maun alin, alin maun sira,

We are, today, partaking in a decisive moment in the history of our dearly beloved Timor.
Many years separate us from the times we spent in a land, already then, torn asunder by the times of colonial negligence.
Far away times marked our childhood dream, and that of our youth when all together beneath the same indigo blue sky we sang in unison:

> "Although today we are [just] simple children,
> We're going to be Tomorrow's Future"
>
> "Neon nakukun sei horas né,
> Aban bainrua sei nakloke bele!
> Aman, Inan, Boun,
> Neon metin ba ami tomak mos!"

You have come from our land in response to our invitation to parley.
You have overcome every sort of obstacle so that today will be something to remember.
You were able to size up the importance of our gesture of today, putting behind you any hampering reasons and arguments, such as resentments, mental reservations, etc.
Travelling different paths, you and we have come in the belief that we are leading our dear People to a safe port of Peace and Calm.
We are moved by no other motive than our deep and overriding desire to pursue the preservation of the Life of our People in both

its physical and spiritual components.

We, who labor in lands of exile and adoption, where maybe, many of us have lived longer than in our own native land, it's difficult for us to imagine what has become, today, of the Timor we left behind.

Aside from this, we are accompanied by a feeling of anxiety and nostalgia for our family and friends who, in Timor, continue to wait for us and unrelentingly remind us that we need to bury our dead with dignity, a condition for our thinking effectively about holding the "kore metan" memorials, postponed indefinitely because each year has turned out to be an eternity.

We salute your courage and of those of you who did nothing to prevent this, our meeting.

It was not easy for us to get here.

But the ideas, the projects are "fini" seeds that look for fertile ground and the right time to germinate.

Both you and we are the fertile ground, the true sons of Timor, faithful retainers of our cultural heritage, sons of the noble strain of the valiant and warrior "Aaswain" whose "haklalak" from immemorial times of the anti-colonial struggle didn't go unsung, and of the dark, threatening hours of the cataclysm, occurring so many times in our not-so-remote past, such as Cailaco, in 1729, in Cová and Cotubaba, and in Manufahi, in 1912, they were able to hem in the "Surik" and seek Peace for their People.

It could be asked if the time is ripe to germinate our "fini", or if it's worth while just casting it on the earth at another opportunity.

We do not question the authenticity of this concern but just the good faith of its authors who are among some native Timorese and others, foreigners from various places, because they haven't grown weary of sowing and fomenting disagreement not only among us, Abroad, but also between you and us, having even displayed attitudes that refute the nobility of the true reunion that they say can be "around about the Calends..."

Far be it for us to impose mutually the ideas and convictions we seek today in this cold and icy European capital, the warmth of our ancestrality, by Dialogue and in pursuit of Consensus in the domains of possible Convergence.

Maun alin, alin maun sira,

It is with great joy and emotion that we greet you on the occasion of this reunion of brothers.

In particular, we greet the "Nai" "katuas" Ambassador "Manu Ain" Lopes da Cruz. The promptness and candor shown by him right from the start with regard to our proposals for a Reunion and Meeting deeply impressed us. His high sense of responsibility and love for Timor have become evident in the manner in which he managed to smooth the way and remove obstacles for the holding of this Meeting.

Only those who are not on Timor's side, do not wish the Timorese to seek ways to Dialogue and Agreement.

As of today, the foundation stone of our great house has been laid. Little by little we are building it on the corner stones of Justice, Social, Economic and Cultural Development, and, on respect and the dignifying of the Timorese Man.

It is up to all of us, Timorese, to promote and aim at Justice reigning in our land so that there are no 1st or 2nd class Timorese!

As of now the groundwork should be laid so that Timorese can take part freely in the Territory's Development, contributing to the pacifying of Timorese society, so needed. Only thus will Timor fail to let another historic opportunity go by, which is that of riding the current wave of economic growth and delelopment sweeping its part of the world.

Concomitant with the Territory's social development, efforts should be made to preserve, publicize and develop the historic--cultural identity of the Timorese People and to enable the full participation of the living forces of Timorese society in this process for the affirmation of our centuries-old identity.

In closing, we should like to paraphase the Chilean writer, Isabel Allende, of the need to forgive but not to forget the past, so that we may perceive the present and build the future.

We ask you therefore to join us in uttering this "hamulak" (prayer) to our grandparents, parents and brothers who inhabit the peaks of Tatamailau and Matebian so that they may bless us and protect us from all danger on this difficult path between

ravines and rocky slopes.
Strengthened and conforted, let us march forth on route to the future with courage, hope and perseverance.
To the Youth of Timor, we hope and ask that you will strive to achieve technico-scientific and professional excellence in your work and studies in order to guarantee the continuance of the project whose seeds we have sown, at this particularly difficult historic moment, bringing once again to fruition the promise of generations with a view to ensuring the physical and cultural survival of our PEOPLE.
Thank you.

London, December 15, 1993

Speech delivered during inaugural session of fraternal reunion between Timorese Leaders from Indonesia and the Diaspora

By F.X. Lopes da Cruz

Timorese Brothers,
HORI ULUK, HORI WAIN, OAN TIMUR AASWAIN!

Coming from the same land where "*o sol logo em nascendo vê primeiro*" (*the sun as soon as it rises first sees*) land of "*sândalo salutífero e cheiroso*" (*healthful and fragrant sandalwood*), here we are, under the same sun and wrapped in the same perfume, the sun of truth and the perfume of friendship.

God always covered the Land of the Holy Cross, Timor Lorosae, with the Light of His truth and the perfume of His friendship. It is He who has reunited us at this time. We give thanks for such great love, such great protection coming from Heaven.

Dr. Abílio Araújo's initiative cannot go unthanked because he, with courage and valiantness in the face of all sorts of obstacles, showing his metal as a true Timorese, has managed to bring us from Timor Lorosae to be present today in this historic meeting. In truth, using the technology that science has put at our disposal nowadays, we set up everything, either by phone, letter or fax, but mainly by means of our meeting in Badajoz at the beginning of October of this year, with Dr. Araújo himself, when the whole thing was finalized. It's true: "*God wills, man dreams and the work is given birth to*".

Congratulations, Dr. Araújo, on having taken this fortuitous initiative.

I also thank him for the speech he has just given, a speech which makes us think and dream of a new world, a better Timor, where we can live together in peace and harmony for all time. "*Together we can dream of new and great things! Together to set the pace of new love*"! As a poet I also have faith and hope that "*with peace and calm, without disproportionate revulsion, life possesses the* *soul and the soul possesses life*"! The same faith and the same hope in worthy brothers who have encouraged us to accept your invitation to this meeting, because we continue to believe that "*everything is worth it when the soul is not small!*"

Timorese Brothers,

Before speaking to you about the purpose of this meeting, I'd like to tell you that the members of the group coming from Indonesia were your former students or old school chums, in Primary or High School or even in the Dare Seminary, at another time barefoot but, in pursuit of science, today [they are] mature men looking for a broader and sunnier horizon for the Men and Women of Tomorrow.

Timorese Brothers,

It's not my intention to defend a thesis, however I do want to make the "*status questionis*" of this, our, meeting very clear, in order not to run away from its main objective in the course of our dialogue. Thus we can leave this meeting with a practical conclusion as to what is useful for future contacts, because none of us want this to be our first and last meeting: we've still a long way to go.

This is what I want to say:

In this fraternal meeting, we are reunited with our brothers of the Great Timorese Family, so long separated. We are gathered here today, without wishing to climb on to the political bandwagon of Timor Lorosae, as a sign of contradiction, since we well know that even if there are some who support this encounter there are also others who are still against us. However, we don't want face-offs with anyone and much less stir up controversy over the political statute of Timor. Politics, very often, puts the People at its service rather than it being at the People's service.

It is our understanding that the main purpose of this encounter is to create a climate of true mutual confidence in order to, once and for all, bury resentments, mental reservations and incomprehension between brothers originating from the same land and from the same bloodline, because "ITA NEE LA SELUK LA LET IDA! MESAK FETON NIAN DEIT NAAN NIAN DEIT!".

In truth, this encounter, occurring at Christmastide, the Advent that we are celebrating, invites us to knock down mountains, fill in valleys and straighten out twisting paths so that we can meet each other on even ground.

There is no doubt that only in an atmosphere of understanding like this which unites us today, far from the Native Land, can we consolidate the means to meet on more occasions, so that we can mutually visit to exchange concrete plans on ways to revive and enrich our customs, to work together in the socio-cultural and economic field.

Timorese Brothers,

This very first opportunity of looking each other in the eye and heart to heart cannot be wasted because it can only represent for our People our courage in being aware of how to place the happiness of this same People above all that we could wish for each of ourselves.

The Timorese People in its long existential path has passed on learning and virtues, behaviors and thoughts that must today govern our minds to serve and honor, ignoring the makers of the Greek Calends and imitators of Icarus who think they can engage in safe flights with wings of wax, forgetting that the sun melts wax.

However, in the language in which our hearts reunited by the generous desire of our being worthy of our origins, to create a better world for our children and to respect in the elders crystallized tears that they still keep like the fluttering of our hearts, let us meditate on the possibility of a flaming stream of molten iron, misshapen and liquid, turning into beautiful swords of steel admired by all, because they are the swords of Honor and Justice, of Friendship and Brotherhood.

This can only occur when the molten stream cools and not while it's hot and uncontrollable.

We shall have to philosophize the steel of our brotherhood in such a way as to direct it towards the Honor of our People and to the Justice of fulfilling our duty and of our being men of good will even when the wind is strong or the rain heavy.

We can't fail in our good intentions to do something positive for Timor because all our brothers in Timor Lorosae are anxious that we reach understanding and that we are capable of separating the wheat from the grain.

If, on the contrary, we are unable to bring solutions of realistic hope for the present and for the future, we are paying little attention to the well-being of our People.

That is our responsibility without half-hearted words and half-hearted goals because 18 years separate us because were incapable of knowing how to ponder the great moments of our own dignity debased by the actions and behavior of those who wished to use our People but who do not serve it.

The doors are open for our family reunion.

We can only be the doormen, asking our People to come and celebrate the reunion and, this is, in itself, a great joy.

Thus, with the same candor with which you invited us, in the same coin, we wish to talk to you straightforwardly about Timor Lorosae. We sincerely believe in your heart that you love Timor Lorosae and our People; however, as you continue to base your judgements only on distorted news and reports, your judgements will be affected by the mistakes you're bound to make in analyzing these and your dreams will be destroyed. That is why we're going to give you precise information so that you, who are on the outside, can appraise the overall truth of same, without misconstructions and thus you'll be able to be firm in your desire to also make your contribution to the well-being and prosperity of our People.

That is why, I don't wish to pontificate the whole time, but will ask my colleagues from Timor Lorosae to talk to you as well.

Many thanks for your kind attention.

London, December 15, 1993

Closing Speech of fraternal reunion between Timorese Leaders from Indonesia and the Diaspora

By F.X. Lopes da Cruz

Timorese Brothers,
HORI ULUK, HORI WAIN, OAN TIMUR AASWAIN!

The history of the People of Timor Lorosae has just recorded in its annals, an unforgettable event, because its sons who really love it, setting aside, "*years of resentments, mental reservations and incomprehension*", etc., were capable of finding the means to meet each other in a climate of understanding and friendship to speak about the objective of their concerns: The well-being and prosperity of the heroic People of Timor Lorosae.
Happy Land of the Holy Cross those sons have!
That is why I give thanks to God, because his love which has flooded the hearts of the Timorese is stronger than hate: I thank all those who, without pretensions of a political nature have actively taken part in this meeting by means of their courage in being present, of their considered opinions and, more than anything, by means of their fraternal friendship.
During our meeting we have sought to make our aspirations and our desires, brought from Timor Lorosae and other parts of the world, clear. We have closely followed all that each one of you has had the opportunity to tell us, particularly the warm words of Dr. Abílio Araújo who, not only as a good Timorese, but also as a lover of Truth, Justice, Peace, Unity and of the Happiness of the Timorese People, was aware of the true value and the true meaning of our meeting, with his footstep on the firm road to uniting All for the good of All.
We have taken note of that which harmonizes with our opinions and we're very happy with this meeting of ideas. There was no lack also of looking at things from angles differing from ours; we didn't reject them, because they will serve to make comparison

with what we have presented or for us to ponder and reflect on them. Aside from this, at a reunion of brothers, the mainstay of our thoughts is to seek out what is for the good our Land and our People. It's true that Timor Lorosae coming out of the ignorance [wrought] and "*torn asunder by the times of colonial negligence*", as Dr. Araújo said, that's only to be expected of us. "*Cesse tudo o que a musa antiga canta, porque outro valor mais alto se alevanta*", (All ceases, sings the ancient muse, because another higher value arises) the great poet, Luís de Camões said, and this higher value can only be the happiness and joy of our land in the Elegy of our dearly beloved People.

I wish to thank all of those who cooperated in creating an atmosphere of mutual consultation and friendship so that this meeting could take place in a climate of brotherhood and confidence, going against the predictions of the skeptics, pessimists and the losers before the struggle because "*history doesn't recall the weak*".

I can't forget our dear ones, whose "*unsung heroes*" have fallen on both sides. Today, the loss of them brings us to put aside our differences in order to speak frankly with hands joined together, to help Timor Lorosae become increasingly better, prosperous, happy and self-confident.

In conclusion, as we are close to Christmas and the New Year, we warmly wish you all a Very Merry Christmas & a Happy 1994, and hope that the Infant Jesus will bring to our hearts and to the heart of our People, His Peace so that we can live as men beloved by Him. "*The Peace of souls at peace with themselves! A peace that the world doesn't understand nor can it provide!*" That the Infant Jesus will give us the courage to always meet in an everincreasing climate of candor.

I wish you all a good trip back and that the friendly meeting we have just held, whose sandalwood perfume, fills our heart and our life and thus we experience a nostalgic desire to meet more often, not in distant and foreign lands, but in our own Timor Lorosae to savor together "*ikan saboko*" with "*tua mutin*", "*koerambo*" or "*nu ben*", "*tukir*" or "*daulorok*", in an airy straw hut or under an unpolluted blue sky, listening to the sweet melody of a violin or the music of the "*kore-metan*", or the chorus of the "*dahur*" resounding through the silence of the tropical night, or even lift one's gaze towards the distant stars wherein live, and contemplate us for ever, those from whence we come and who make us shed eyes on our responsibility to honor them as alive with courage.

To Friends and Brothers taking part in this meeting, I leave a message of friendship and an invitation to all Timorese of the Diaspora: in our culture the best [form of] thanks is not expressed in words, and certainly not in the exchange of objects, but "*fuhu mamuk*" full of "*ai-funan*" is a sure sign of full return of friendship. That is why, we await all of you in Timor Lorosae, always and whenever you want, BA NUU BEE, KLEDIK HUN NEE! KLALEDIK HUN NEE, TALI HUN NEE!

God bless you Timorese Brothers! Our meeting will not end here, because "nostalgia, bitter tastes of the unhappy", as Almeida Garret said, will continue to lacerate our heart, so that even though away from Timor Lorosae, we continue to be present not only in such nostalgia, but also in increasing personal self-worth and esteem!

Good luck and much happiness! Au revoir!

HORI ULUK, HORI WAIN, OAN TIMUR AASWAIN!

Thank you very much.

London, December 16, 1993

Closing Speech

By Abílio Araújo (translation from Tetun)

Your Excellency Ambassador Francisco Lopes da Cruz
Hon. Liurai of Memo, Member of Parliament
Dear Brothers

The words proffered by H.E. Ambassador Lopes da Cruz, in closing our Meeting, are words that we'll treasure in our hearts as a new flame of hope for the future.
First of all, we wish to thank you for all the support, friendship and understanding you have shown during these days of socializing and work.
This Meeting has enabled us to confirm that what divides us is insignificant in comparison to that which unites us.
After all in the end, what we all want is what is best for our land and we aspire to the well-being of our people, "the heroic People" as the Ambassador Lopes da Cruz has said.
I would go so far as to say that, today, we have left the twisting paths to take a new road where our Meetings will be candid, our contacts wont only be by phone or fax but we'll be face to face to shake hands and deepen the convergence of our thoughts.
Thus I want to affirm that we leave this Meeting with more courage, more determination, with the certainty that we can evolve concrete actions in the name of our people and that, all together, we'll be able to build up our land.
I am certain that during these days the spirits of our ancestors have been here all the while, accompanying our Meeting.
I want to say that, upon leaving London, we are convinced that since this step has been taken, we'll not turn back again and that this is just the beginning of a promising path.
It's music to our ears to hear the Ambassador Lopes da Cruz say that there'll be new Meetings in 1994 as this is what we want too. One or two, or maybe more.
We're also happy to know that some will be in our zone, which inspires in us greater confidence.

Although far from our native land, we remain loyal to our roots. By reaching out to each other, we feel that the Homeland, the motherland, hasn't forgotten her children scattered around the world.
As I have always contended, we are not at ease with the well-being and comforts that life abroad offers us.
Even the cockerel's crow makes us very nostalgic and brings back memories of our land, the land of all of us.
That's the reason why we affirm that we are ready to do everything — to serve our land, our People.

Your Excellency Ambassador Lopes da Cruz,
I ask that, in the name of our Delegation you convey to Foreign Minister, Ali Alatas, and ensure that President Suharto is aware of our esteem.
The fact that the Indonesian authorities have eased our way reveals the will that exists to help the Timorese meet each other again.
This is an opportunity for us together to spearhead the way to overcoming difficulties that up until today have stopped us from getting together freely.
Abroad, we shall work to remove existing obstacles, there by hastening the "Resolution of the Question" so that we can afterwards focus our energy exclusively on the development of our land.
Asian people that we are, we ought to be aware of our responsibilities.
Living in Europe, we continue to assume our identity as an Asian people, people forming part of the Pacific zone.
It is our duty to give a hand and, abroad, we'll do everything we can to put an end to all that still upsets us, so that we can all focus on thinking about the development of our land.
I should like to say something to our sisters Abati and Aurélia to convey to our dear mothers and sisters in Timor that they are always in our thoughts and that we see in them the guarantee of the continuity of our People.
We'll do everything in our power to bring up our children thin-

king about our land.
We take away the gifts you have offered us.
For our part, you only have our determination, our friendship and our love, since you have nothing more to take away in return.
To all the mothers and sisters of our land, we send the assurance that we're ready to do everything we can so that they can dry their tears quickly and be rid of their suffering.
To all the young ones, we wish to reaffirm our determination to carry on working for our Land so that they may have a better future.

London, December 16, 1993

Speech of his Excellency the Ambassador of the Republic of Indonesia, J.E. Habibie in hosting a reception for the participants of the London meeting, 16 December 1993

My dear brother Dr. Abílio Araújo,
Brothers and sisters,

It is indeed a great pleasure for me to be able to host this dinner in honour of all of you who have come from all parts of the world — from east, west, north, south — to be here in London in an atmosphere of Christmas.

As you know, in a couple of days all Christian brothers and sisters are going to celebrate Christmas — a day that is very important. (Padre, I am not going to teach religion. I've learned it in a Catholic school but I always failed). But I know what Christmas means to all of us. At this time every year, Christians all over the world are celebrating Christmas; in Indonesia, especially in the eastern islands, where I come from, we call it a great day. It is a day which brings serene peace to the human mind and spirit, and that is why I felt blessed when Ambassador da Cruz told me that you planned to hold this meeting here in London in December and the results are beyond our expectations.

When you arrived here, I was very, very tense. First, Ambassador da Cruz arrived with friends from Jakarta. By this time, half of my heart was in peace, but I was haunted by the fact that the others were still missing. So I said: "I don't care what it takes. Place somebody at the airport from six o'clock in the morning and have him wait until they come. I don't care about anything else, just do it".

So Sakidin was sent there, and he waited and waited, but they missed each other. However, again fate was on our side and nothing could stop us from being together.

When I heard that Ambassador da Cruz and friends had checked into the hotel, I was still in the Embassy and I asked Sakidin: "Any news?", and he replied: "No, Ambassador".

I was so unhappy about it, I took my car, and drove here to the

Hotel. Suddenly, the telephone rang, and I was informed: "Sir, they are all here in the airport, all brothers from Portugal, some came earlier, but they came back to the airport again to be in one group".

That's what happened!

Then Dr. Abílio and friends came in and I could not believe my eyes upon seeing brothers who had been separated by unfortunate circumstances meeting each other, hugging each other.

You know, gentlemen, I was the one who was weak. Tears welled in my eyes; not tears of sorrow, but tears of happiness, happiness in seeing my brothers coming together after having been separated for many years.

And I didn't know who Dr. Abílio was. I didn't care who he was, but when I came to him and shook his hands, I felt the tremble of his heart, I told him: "Thank you very much for coming here". And you know, this gentleman, he was so handsome and modest (laughter). And I think I was lost, lost in the spirit that he showered me.

I must impress upon you, Ambassador da Cruz, Dr. Abílio, that I especially did not want to intefere in anything whatsoever. This precious meeting is all yours. I have strict instructions to my staff to only facilitate and accomodate the meeting. We don't interfere. And I am very, very happy and heartened to know that, watching even from afar, watching from a corner, listening — not to the language which I do not understand of what Dr. Abílio said in Portuguese to journalists — but to the language of the face and gestures. It is not in the verbal language, but in the honest face of Dr. Abílio... I know he was speaking on behalf of all of us, sharing the same feeling, the same feeling of togetherness, the same feeling of being together as a big family.

I would like to thank, of course, Ambassador da Cruz. And I also owe special gratitude to Dr. Abílio — you have certainly done a lot. Maybe people do not know what is happening, and what has happened in the last few days.

Sr. Lobato, Pe. Fernandez, Dr. Tilman, Pe. Constancio, (your names are very difficult, I have to learn the names of all you), Sr. do Amaral, Sr. António Araújo, Sr. Costa Belo..., you have done things, unbelieveable things and what counts here is the voice of your heart, the blood that is here, the very blood that binds us in brotherhood, the blood of being together.

Therefore, again, Dr. Abílio "muchas gracias"; Ambassador da Cruz "Thank you very much", "terima kasih banyak".

Tomorrow, all of you will leave London, to the west, to the east, to Oporto, to Lisbon, to Macau, to Australia, to Dili, to Jakarta.

Do remember one thing: if you ever come to London, the Indonesian Embassy is yours, it is all yours.

I wish all of you a Merry Christmas and I hope that the light of Christ will come to your house, to your heart and that you all can find tranquility in peace.

Speech made by Abílio Araújo Head of the Delegation of Timorese Leaders in the Diaspora, on the occasion of the reception offered by H.E. the Ambassador of the Republic of Indonesia, in London,to the two Timorese Delegations present at the London meeting held on December 14-16 1993

Your Excellency Ambassador Habibie,
Your Excellency Ambassador Lopes da Cruz,
Dear Friends,
Ladies and Gentlemen

I'm very pleased and very honoured to speak at this unforgetteable and extraordinary evening.

Secondly, I am very encouraged, very pleased to speak on behalf of all my countrymen and countrywomen who are here, as I was so requested by H.E. Ambassador Lopes da Cruz.

I'm very honoured. Thank you.

After hearing the kind and touching words pronounced by H.E. Ambassador Habibie, I can only say that I, myself and I do believe that all the Timorese — my countrymen and countrywomen who are here — also share the feelings that exist here.

But I'd like to say that these feelings existed before, although all of us have been separated, but we've been thinking during these years that one day we'd be together.

Time came and the courage and the determination of all of us contributed so that this day finally arrived.

I'd like to thank my old friend and colleague — Ambassador Lopes da Cruz — for all his receptiveness from the beginning to our ideas.

But I'd like also to stress that the Indonesian goverment played a very full role in this initiative.

It has proved to all of us that we need to be brave, we need to start

a new era for all of us.
The future is challenging all of us, all of us as Asian people.
The future of our world that's becoming a small village is also in our hands.
Let us solve the small problems that might and may exist among us and join hands together to overcome the big challenges of the next century.
And, although we've been separated for so many years, I think that we've always been together because the blood that runs in our veins is the same, the land that fed all of us during our childhood is the same, our ancestors who are in the mountains and in heaven are blessing all of us in our daily life and they will assist us as they have assisted us during these days.
I'd like to say that I myself, when I came to the airport, or rather, in the last weeks, I also have been very tense, I was also very expectant.
I could only start to bellieve it, when I knew that my friend H.E. Ambassador Lopes da Cruz had left Jakarta.
But, when we arrived at the airport, we felt that things would be all right.
The hospitality that we found when we came to this hotel especially the welcome adressed to all of us by H.E. Ambassador Habibie was something very warm that created all conditions so that we could believe that again "Deus quer, o Homem sonha, a Obra nasce" (portuguese poet Fernando Pessoa) — "God wills, man dreams and the work is given birth to".
This is what happened.
And I'd like to say and to thank H.E. Ambassador Habibie and through your Excellency, I'd like to request you to convey to H.E. Minister Ali Alatas and to H.E. President Suharto all our thanks for the support given to all of us.
We do wish and hope that, very soon, all of us will meet again.
We are aware that the steps that we've just taken are still small, but they are serious and are safe.
Next time we'll consolidate the step that we just took today.
And then, as I said and as Ambassador Lopes da Cruz said already, the road is forward.

There is no time to go back.
We have to go on looking towards the future.
I thank you again for the wishes of a Merry Christmas.
Jesus Christ will bless us in this Christmas and 1994 will be a year of hope for all of us.
Thank you.

RECORTES

DE

IMPRENSA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
15/12/93

Timorenses em Londres procuram apaziguamento

DUAS DELEGAÇÕES de timorenses pró e anti-independência começaram ontem à noite, em Londres, a debater as condições de uma pretendida reconciliação do povo daquele território. Abílio Araújo e Francisco Lopes da Cruz chefiam cada uma das representações, que, segundo o DN apurou de fonte diplomática que segue de perto a movimentação daqueles responsáveis, acordaram previamente em não debater de forma explícita a questão do referendo em Timor. A mesma fonte acrescentou no entanto que «isso não significa que cada uma das partes ignore o que a outra pretende». Estava previsto já para a noite de ontem um primeiro encontro entre Abílio Araújo e Francisco Lopes da Cruz, mas as sessões de diálogo deverão prosseguir até domingo. A delegação chefiada por Abílio Araújo integra José Belo, Rogério Lobato (um dos mais duros chefes militares de Timor no exílio e fundador da Fretilin), Manuel Tilman (que chegou a ser deputado pela ASDI em São Bento), José Belo e ainda os padres Constâncio Gusmão e Francisco Fernandes. Por sua vez, a delegação encabeçada por Francisco Lopes da Cruz (fundador da UDT e actual embaixador itinerante da Indonésia) inclui alguns chefes de famílias tradicionais de Timor. O padre Franciso Fernandes, citado pela Lusa, antes de partir de Macau para Londres, observou que «a Indonésia já deu alguns sinais de que pretende uma saída, porque a questão de Timor-Leste é um incómodo para a sua imagem externa».

PÚBLICO
16/12/93

Abílio Araújo "satisfeito" com o início da "reconciliação"

"Só o encontro em si já é muito positivo"

A DISCRETA povoação de Ware, a cerca de cinquenta quilómetros de Londres, foi ontem palco de um acontecimento invulgar: Numa mansão local, dezoito timorenses dos dois "lados" — nove elementos da máquina administrativa indonésia e nove exilados situados à margem da "troika" que hoje domina a resistência no exterior — reencontraram-se dezoito anos depois da invasão do território pelas forças de Jacarta.

A tensão entre as duas delegações começou a ceder num jantar organizado pela embaixada indonésia em Londres, na terça-feira. Por volta do meio-dia de ontem iniciaram-se os trabalhos, já em Ware. Cinco horas depois, durante um "coffee break", o chefe da delegação "do exterior", Abílio Araújo, disse ao PÚBLICO estar "muito satisfeito" com o desenrolar da reunião, mas reservou a anúncio de entendimentos para o final do encontro, previsto para hoje.

A estrutura dominante da resistência timorense, que tem aparecido à luz da opinião pública sob a forma da Comissão Coordenadora da Frente Diplomática, agrupando o CNRM, a UDT e a Fretilin, ainda não se manifestou desde o início do encontro. Sabe-se, no entanto, que a "troika" da resistência no exterior tem fortíssimas restrições ao encontro de Ware, no qual vê a mão manipuladora de Jacarta.

Abílio Araújo, que continua a assumir-se como representante da Fretilin em Portugal e que entrou em rota de colisão com o sector do seu partido integrado na Comissão Coordenadora precisamente na sequência da sua adesão a este encontro , salientou ontem que, "depois de dezoito anos, só o facto de nos encontrarmos é um facto positivo".

"Há uma boa pré-disposição", disse Abílio Araújo, acrescentando apenas que "os que vêem do interior trazem algumas ideias interessantes". Sobre o conteúdo dessas "ideias", nem uma palavra por enquanto.

A prudência do chefe da delegação "do exterior" prende-se com a escassa margem de manobra da delegação "do interior, liderada por Francisco Lopes da Cruz, conselheiro de Suharto para as questões relacionadas com Timor-Leste.

No capítulo da libertação de presos políticos, por exemplo, ou da autorização para que exilados visitem o território, dois dos temas na fluida agenda do encontro, não será dado nenhum passo sem o "sim" do Governo de Jacarta. Por isso o dia de ontem foi praticamente dedicado ao "inventário" — a expressão é de Abílio Araújo — dos "propósitos" — a palavra é mais uma vez de Araújo, que a prefere a "propostas" — das ideias que cada uma das delegações trouxe a Ware.

Logo na sua intervenção inicial, o chefe da delegação "do exterior" avançou o "propósito" de fazer deste encontro o primeiro de uma série de reuniões de carácter mais formal. Desconhece-se ainda a reacção da delegação "do interior", que só será expressa após os inevitáveis contactos com Jacarta. Para já, no entanto, uma coisa é certa: Ambas as delegações têm observado escrupulosamente a principal regra estabelecida neste encontro, onde falar do estatuto de Timor-Leste é estritamente proibido. ■

Joaquim Trigo de Negreiros

Meeting with E. Timorese in exile warmly welcomed

DILI, East Timor (JP): Chairman of the provincial legislative council Antonio Freitas Parada hailed a recent meeting between representatives of East Timorese in Indonesia and in exile overseas as a major step towards reconciliation.

The meeting was conducive to reducing the heat of political temperatures in relation to East Timor in the eyes of the international community, Antonio told *The Jakarta Post* yesterday.

Indonesia's Ambassador-at-Large Francisco Xavier Lopes Da Cruz, who hails from East Timor, led a delegation early this month to London to meet with leaders of the East Timorese community in Europe, including the "president" of Fretilin, Abilio Araujo.

Fretilin, an armed separatist movement, has been fighting for an East Timor state ever since the majority of the people in the territory opted to join Indonesia in 1976.

Fransisco has succeeded in convincing the East Timorese living abroad that the real situation in their homeland is not as bad as they imagined, Antonio said.

"So far they had only received false information on East Timor from those who oppose East Timor's integration with Indonesia," Antonio said. "Thank to Fransisco, now they, at least, have a clearer picture about the real situation in the province."

He called on the government to continue the efforts initiated by Fransisco by, for example, inviting Abilio Araujo to come to East Timor.

Fransisco also accompanied Golkar member Siti Hardiyanti Indra Rukmana during an open dialog between her and Abilio and other East Timorese living abroad in London on Monday.

Also attending the meeting were Indonesian Ambassador to Britain J.E. Habibie and PIFA (Portugal-Indonesia Friendship Association) chairman, businessman Manuel Macedo.

Macedo and two other Portuguese businessmen visited East Timor in August for a glimpse of the progress the former Portuguese colony has made in the 17 years since it became part of Indonesia.

Founded in Lisbon, PIFA groups Portuguese symphatetic to East Timor's integration with Indonesia. They represent a minority view in

JAKARTA POST

24/12/93

(Cont.)

JAKARTA POST

24/12/93

Portugal, which has persistently attacked Indonesia on East Timor issue in various international forums.

The meeting, held at Hanbury Manor, Tundridge Village, near the town of Ware in Hertfordhsire, about 48 kilometers from London, was arranged at the behest of Abilio and company, the daily *Kompas* reported.

The East Timorese attending the meeting were not only those living in European countries, but also those living in other countries, such as Marcos De Orlaes from Macau and Manuel Tilman and Fransisco Fernandez from Australia.

In a related development, Coordinating Minister for Security and Political Affairs Soesilo Soedarman said in Padang, West Sumatra, on Wednesday that the government would always open its door to Abilio as long as he agreed to no longer question the status of East Timor.

"We will always welcome back all Indonesian citizens abroad who wish to return home provided they have good intentions," Soesilo told reporters.

He said because East Timor is already an integral part of the Republic of Indonesia, Abilio should recognize that fact. **(yac/bas)**

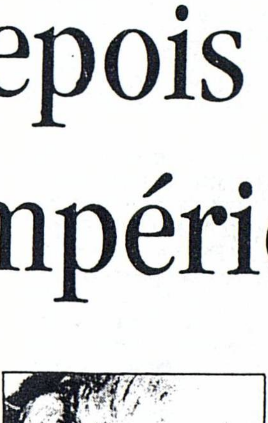
EXPRESSO
18/12/93

OPINIÃO

Timor: depois do fim do império

Enquanto a Indonésia se pode valer a si própria no problema de Timor-Leste e conta à partida com a solidariedade asiática e da Austrália, Portugal não consegue reunir a convergência de interesses que lhe garanta apoio: a situação diplomática não nos favorece

António de Figueiredo*



(Cont.)

EXPRESSO

18/12/93

Nos casos de Moçambique e de Angola, e a despeito das implicações dos acordos de Lusaca e do Alvor, os novos governos da Frelimo e do MPLA cedo foram alvos de guerras de desestabilização por nações vizinhas (a antiga Rosédia, no caso de Moçambique, e a África do Sul, em ambos os casos), por factores ideológicos e regionais, mas com o apoio do Estados Unidos, principalmente em Angola, dada a intervenção de Cuba. Também no caso indonésio, e com a comprovada instigação de Kissinger e a tácita anuência da Austrália, se aproveitou a ocasião não só para pôr cobro à ameaça da ocupação do poder pela Fretilin (então considerada um risco potencialmente análogo ao da consolidação do regime de Castro), como para proceder à ocupação e à eventual integração de Timor-Leste. As consequências em termos de vidas humanas terão sido equiparáveis, pois que em tais situações não se faz o recenseamento de vítimas.

Portugal resiste ao diálogo aberto

As razões por que a maioria da opinião pública portuguesa viria a concentrar a sua indignação na Indonésia e nunca, ou raramente, na África do Sul ou nos Estados Unidos, apesar da devastação que se desencadeou sobre os moçambicanos ou os angolanos (não menos dignos de compaixão do que os timorenses), requereria uma excessiva explicação, resultante até do facto coincidente de que a propaganda ideológica ocidental, que tanto influencia Portugal, tinha mais empenho em condenar a Indonésia do que a África do Sul ou os Estados Unidos na África Austral. Mas o facto é que estas três tragédias pós-coloniais se situam no período histórico e ideológico da «guerra fria» em que se deu a nossa imprevista descolonização, e as questões de consciência humanitária não se podem dividir segundo as conveniências.

Com a passagem do tempo, e sobretudo depois do fim da «guerra fria» e da emergência da Indonésia como potência do bloco da ASEAN, o único que desde já rivaliza com a supremacia económica do bloco ocidental, tudo se tem rapidamente transformado, excepto o contencioso com Jacarta. Nós, portugueses, vizinhos e ex-aliados do cristianíssimo regime de Franco, que na famosa guerra civil espanhola causou um dos primeiros holocaustos do século XX, continuamos a ter dos distantes indonésios uma equívoca ideia de que a brutalidade militar é um fenómeno exclusivo do islamismo oriental. E apesar de toda a evidência demonstrar que a segurança dos timorenses, como a de todos os povos modernos, é a rapidez das comunicações na idade da TV e dos satélites, continuamos a supor que somos os seus melhores guardiões quando, afinal, a nossa resistência, aliás punitiva, a um diálogo mais aberto só pode ser, em tal contexto, contraproducente.

Mesmo o nosso recurso à ONU e à UE se reveste do paradoxo de nos criar peias e compromissos que impedem um entendimento bilateral, o único possível e legítimo para encontrar uma solução. Mas o facto é que enquanto a Indonésia se pode valer a si própria e conta à partida com a solidariedade pan-asiática e da Austrália, nós, portugueses, não conseguimos, no bloco em que

«A VERDADE é mais estranha do que a ficção — pois a ficção tem de cingir-se às possibilidades e não à verdade». Lembrei-me deste comentário de Mark Twain quando, por ocasião do encontro em Londres entre o embaixador indonésio Lopes da Cruz e uma delegação de um grupo dissidente da Fretilin, mais uma vez reflecti que, se o prolongado impasse de Timor-Leste tivesse sido escrito como um romance político, ninguém admitiria a plausibilidade do enredo. E a primeira observação que me ocorreu ao notar a média de idades dos diplomatas indonésios (que tiveram a amabilidade de me convidar para um almoço para ouvir a minha opinião) é que, tal como acontece com os seus homónimos portugueses, eles pertencem a uma geração que anda, por assim dizer, a emendar a acumulação de mal-entendidos e de erros praticados por gerações anteriores, noutros contextos históricos e políticos antigos e mesmo contemporâneos.

Já houve um longo período de tempo em que Portugal foi o reino ocidental mais bem informado acerca do Oriente. Mas isso foi há quatro séculos e, desde então, temos sido francamente ultrapassados. Hoje, tudo o que sabemos — mesmo acerca do remoto território e das gentes de Timor-Leste — chega-nos em segunda ou terceira mão, o que é de certo modo natural, dado que aquela antiga «província ultramarina portuguesa» se situa a cerca de 3 mil quilómetros de Jacarta, e esta, por sua vez, a mais de 15 mil quilómetros de Lisboa.

O problema da distância podia ser facilmente remediado por uma comunicação directa mais aberta e assídua. Mas o facto é que esta se tem cingido a periódicos encontros entre ministros dos Estrangeiros de ambos os países que, por si sós, têm mais razões para recíproca comiseração pessoal do que possibilidades de resolver o impasse. E o risco que Portugal corre, dada a desproporção de recursos entre os dois países, é que se possa vir a desenvolver uma espécie de indústria caseira de intermediários até que, com a passagem do tempo, se consiga encontrar uma saída para o labirinto de «tecnicidades» constitucionais e diplomáticas em que nos metemos ou fomos metidos. Não tendo vocação para o intermediarismo, não faço segredo das minhas opiniões e, já que os diplomatas indonésios me quiseram ouvir, talvez seja útil para a opinião pública portuguesa resumir o parecer que lhes descrevi.

EUA e Austrália: medo de nova Cuba

Por detrás do justificado fenómeno de comoção humanitária em relação aos timorenses, encontram-se não menos justificados sentimentos de culpa pelas responsabilidades que nos cabem. Afinal, no que diz respeito a Portugal, os timorenses, como os povos das (outras) antigas colónias, são vítimas tanto do anterior regime nacional-colonialista de Salazar/Caetano — que por quase meio século os manteve isolados da evolução política nas áreas em que se situam — como da «revolução cultural» anticolonialista que se seguiu ao colapso do regime e resultou no abandono sumário que se conhece. Mas tanto a duração do regime como o período do seu desenlace pertencem e foram poderosamente influenciados pelos reflexos ideológicos da «guerra fria».

Ao contrário do caso da Índia em relação a Goa ou da China em relação a Macau, que actuaram e actuam com maior independência, a própria Indonésia nunca reivindicara o direito de integração de Timor-Leste no Estado-arquipélago que emergiu da independência do imperialismo holandês e veio abranger mais de cinco mil ilhas, com uma área total de quase dois milhões de quilómetros quadrados e cerca de 200 milhões de habitantes. Mas apesar da distância e das diferentes filiações ideológicas de Portugal (na NATO) e da Indonésia (no bloco não-alinhado), ambos os países eram co-aliados dos Estados Unidos na contenção do comunismo nas respectivas áreas. Os paralelos são evidentes. No surto de «revolução cultural» que se verificou em Portugal e imediatamente se repercutiu nas antigas seis colónias, logo nas três mais importantes ou expostas se deram ataques do exterior.

(Cont.)

EXPRESSO
18/12/93

(Cont.)

EXPRESSO
18/12/93

somos obviamente parceiro menor, reunir a convergência de interesses que nos garanta apoio. E como mesmo a questão dos direitos humanos é selectivamente aplicada e usada em defesa dos interesses materiais das potências dominantes, segue-se que, no balanço geral, a situação diplomática nos é adversa

As novas gerações encontrarão a saída

O reconhecimento da ONU da condição portuguesa como nação administrante é uma figura de direito internacional que nos garante um papel nominal no contencioso entre a Indonésia e o povo timorense. Mas mesmo nesse papel podemos vir a ser ultrapassados se os diplomatas indonésios conseguirem isolar o que sobra da Fretilin e da sonhada República Democrática de Timor-Leste. O encontro em Londres entre Lopes da Cruz (ele próprio, como se sabe, timorense) e a delegação dissidente chefiada por Abílio Araújo é, ao mesmo tempo, significativa de mais um êxito no diálogo político indonésio-timorense e uma demonstração de que nas actuais condições só não se realiza em Lisboa porque o diálogo triangular ainda não é possível devido à intransigência portuguesa.

Curiosamente, tanto a presidência indonésia como a portuguesa estão ocupadas por figuras das gerações da «guerra fria», mas os governos e a diplomacia, com o correr do tempo, estão a passar para as mãos de novas gerações mais desinibidas de culpas e mais realistas e prospectivas. Desde já se começa a notar uma diferença de ênfase entre a relativa actividade ou passividade e tolerância dos mais velhos e dos mais novos. Se os actuais estadistas não se empenharem em encontrar uma saída, numa altura em que impasses ainda maiores — na África do Sul, na Palestina, na Irlanda do Norte — estão pelo menos à procura de solução, a passagem do tempo, com o factor adicional da sucessão de gerações, se encarregará de encontrar uma resolução.

A mim, numa perspectiva histórica mais ampla, e estando nós, portugueses, desde já empenhados nas comemorações da chegada ao Oriente, confrange-me pensar que o contraste entre a grandiosidade do contributo que demos à história do mundo no século XV e este relativamente insignificante, mas aparentemente infindável, «post-scriptum» ao fim do império seja interpretado como mais uma prova do nosso prolongado declínio. A única vantagem visível que temos sobre a Indonésia é a de que as opiniões discordantes como a minha, segundo a qual a Indonésia deve explicações, desculpas e reparações mais aos timorenses do que a nós, são legítimas e espero que respeitadas no meu país. Mas isso é talvez devido às virtudes da democracia sobre os regimes autoritários, como me consta ser ainda o da Indonésia. Quanto à questão pontual que nos divide, temos de ter em mente que tanto a descolonização como a «guerra fria» pertencem ao passado, que por definição não se pode corrigir, e que os recursos e o tempo investido no litígio serão mais bem empregados em encontrar uma solução.

*Historiador e jornalista.

PÚBLICO
2/2/94

Timor quer mais realismo dos políticos

Constâncio Gusmão e Costa Belo*

*Cada vez mais nos quer
parecer que a Indonésia está
na disposição urgente
de resolver o diferendo
de Timor. O que é necessário
é descobrir uma solução
de dignidade para todas
as partes. Não é, com certeza,
numa visão dicotómica
de sermos nós os bons e eles
os maus que se poderá
encontrar a resposta
adequada.*

(Cont.)

PÚBLICO
2/2/94

É chegado o momento de os timorenses começarem a fazer a destrinça entre quem efectivamente procura o bem do povo, a sua integridade, a preservação da sua identidade, da sua cultura e quem faz da questão de Timor uma profissão para se manter na ribalta.

Portugal só defenderá as soluções que os timorenses pretendam para Timor. Assim sendo, compete aos timorenses delimitar bem claramente os seus objectivos. É indiscutível que constituem uma preocupação constante as violações dos direitos humanos pelo regime indonésio. Mas com certeza ninguém terá a veleidade de subverter esse regime. A questão fundamental, para nós, é a alteração da posição indonésia em relação a Timor.

Fazemos um ponto de honra a autodeterminação do povo timorense, entendida como escolha majoritária e livre, sem quaisquer tipos de pressão, da solução que deseja para si. Por isso estamos mais de acordo com a visão da Resolução Geral nº 742 de 1953, e retomada pela Resolução nº 525 de 1970 das Nações Unidas que define opções perante proposta plural (Estado independente, integração plena e território associado), do que com a Resolução nº 514 de 1960, eivada de sectarismos próprios de países revolucionários surgidos da opressão colonial.

Entretanto, a nós compete ir preparando a sociedade para aceitar pacífica e ordeiramente o veredicto das maiorias. Como alguém já disse, a democracia e o respeito pelos outros não se impõem por decreto no primeiro dia da proclamação da independência. É preciso cada um ir-se preparando e ir moldando a opinião pública dos cidadãos.

Promovemos o diálogo construtivo com todas as partes porque a ameaça da implosão dos ódios acumulados continua a pairar sobre a sociedade timorense e se nada se fizer entretanto para que os cidadãos saibam viver em democracia e tolerância, respeitando ideologias próprias de cada um. Queremos um Timor independente com todos os timorenses, no território e fora dele, com a Indonésia e não contra a Indonésia.

É com esta filosofia de fundo que se deve analisar o percurso iniciado com o Encontro de Londres, de 15 a 16 de Dezembro de 1993. E temos a certeza de que uma nova página da história de Timor está a ser escrita.

Veja-se que a Indonésia, não obstante saber da nossa condição de resistentes ao estado actual no território de Timor e à política implementada, aceitou o nosso convite enviando uma delegação de alto nível, só composta de timorenses nos quadros mais elevados da administração de Timor, chefiada pelo embaixador timorense na diplomacia indonésia, F. Lopes da Cruz.

(Cont.)

PÚBLICO

2/2/94

A estrutura e o conteúdo do Encontro levaram-nos a tirar algumas conclusões e firmar as nossas convicções: em primeiro lugar, só no respeito mútuo pelas instituições e só através do diálogo se pode avançar no alinhamento de soluções. As últimas declarações de Xanana Gusmão confirmam esta nossa postura. Dizia ele: há que buscar soluções políticas porque está quase esgotada a resistência armada.

Segundo, se o regime indonésio quis que os seus homens se sentassem connosco, é porque tem consciência de que as máquinas das duas altas partes do processo diplomático ainda estão muito emperradas e numa total ausência de confiança mútua. É preciso, portanto, testar uma nova via e aquilatar da capacidade dos líderes timorenses para assumirem o seu próprio destino no quadro do respeito pelas regras internacionais.

Terceiro, cada vez mais nos quer parecer que a Indonésia está na disposição urgente de resolver o diferendo de Timor. O que é necessário é descobrir uma solução de dignidade para todas as partes. Não é, com certeza, numa visão dicotómica, de sermos nós os bons e eles os maus que se poderá encontrar a resposta adequada.

Finalmente, terminada a guerra fria e a consequente política por ela definida, há a necessidade de realinhar os países nas grandes regiões do mundo, quer política, quer, sobretudo, economicamente. É nessa relação de forças que se deve ter em conta a definição do estatuto de Timor, que, sendo território não autónomo sob a administração portuguesa, se encontra no contexto geográfico do Pacífico Sul. A Indonésia sabe da potência económica e política que é no equilíbrio do Sudoeste Asiático e não quer que quem mande em Timor seja adverso ou incómodo para si.

Se a diplomacia portuguesa se exclui deste virar da página da história de Timor, as personalidades timorenses, no estrito respeito pela resoluções gerais para os territórios não autónomos e as resoluções específicas para Timor, vão conquistando o respeito da outra alta parte e vão sendo consideradas interlocutores únicos capazes, esvaziando o poder negocial de Lisboa, o que não seria, de todo em todo, uma novidade no direito internacional. Refira-se a mediação da Comunidade de Santo Egídio, sem assento nas instâncias internacionais, para o caso Moçambique. Se assim vier a acontecer, mais uma machadada se dá na imagem de Portugal que, apesar de ser um país pequeno, sempre foi grande na sua alma e na sua postura no fórum internacional. ▪

*** dois dos co-deputados**
do Encontro de Reconciliação em Londres